
The background of the cover is a dramatic sunset or sunrise over a battlefield. The sky is a mix of orange, yellow, and dark grey, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons like swords, spears, and axes. The overall mood is historical and epic.

*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura  
Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.5082011121**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

**DOI 10.22533/at.ed.5082011122**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

**DOI 10.22533/at.ed.5082011123**

### **CAPÍTULO 4..... 33**

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

**DOI 10.22533/at.ed.5082011124**

### **CAPÍTULO 5..... 44**

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.5082011125**

### **CAPÍTULO 6..... 58**

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.5082011126**

### **CAPÍTULO 7..... 68**

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos



DOI 10.22533/at.ed.5082011127

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>106</b>
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>116</b>
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>171</b>
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111216</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>183</b>
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111217</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>194</b>
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111218</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>203</b>
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111219</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>214</b>
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111220</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>220</b>
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111221</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>243</b>
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>268</b>
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>277</b>
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>284</b>
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>299</b>
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111227</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>310</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>311</b>

# CAPÍTULO 5

## A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

*Data de aceite: 01/12/2020*

### **Nadine Borges**

Programa de Pós-Graduação em sociologia e  
Direito da Universidade Federal Fluminense  
(PPGSD\_UFF)

### **Wilson Madeira Filho**

Faculdade de Direito e do PPGSD/UFF

### **Ana Motta Ribeiro**

Professora Associada do Curso de Sociologia e  
do PPGSD/UFF

**RESUMO:** A proposta desse trabalho é apresentar ao leitor aspectos narrativos e vivências da aldeia indígena Surui-Sororó no Sul do Pará, que, assim como outras aldeias, sobreviveram à inúmeras guerras e seguem existindo como uma contraprova dos limites da expansão do agronegócio em uma sociedade moldada pelo capitalismo estampado no extermínio de povos indígenas. Os índios que vivem próximo às margens do Araguaia trazem após algumas décadas da Guerrilha do Araguaia uma narrativa capaz de alcançar um tempo histórico de encontro com antepassados que vivenciaram outras guerrilhas, ora com os camarás (brancos), ora com outros povos indígenas, a exemplo dos caiapós, lembrados como responsáveis pela dispersão de parte do povo Aikewara em muitas das memórias presentes até hoje nas aldeias. Assim surgem nas narrativas a figura dos homens brancos

como a maior ameaça permanente em suas vidas, já que são os maiores responsáveis pelas mortes dos Aikewara.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerrilha do Araguaia, Sururí Sororó, Comissão da Verdade, Memória, Aikewara.

**ABSTRACT:** This article purpose is to present the reader narrative aspects and experiences from the indigenous tribe Surui Sororó in the South of Pará state, which, like the other tribes from there, have survived many conflicts and remain existing as an example of the limits concerning the agrobusiness expansion in a capitalist Society based on indigenous extermination. The indigenous people living in the shore of Araguaia river bring, a few decades after the Araguaia guerrilla, a narrative capable of reaching an historical time of meeting with ancestors that have survived trough other conflicts; sometimes against the camarás (whites), sometimes against another tribes, like the caiapós – until today remembered in Suruí Sororó tribe as the responsible of Aikewara people dispersion. Therefore, emerge in the Stories the figure of the White men as the biggest and permanent threat to their lives, once they are the main Aikewara killers.

**KEYWORDS:** Araguaia guerrilla, Suruí Sororó, Truth Comission, Memory, Aikewara.



## 1 | INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho é apresentar ao leitor aspectos narrativos e vivências da aldeia indígena Surui-Sororó no Sul do Pará, que, assim como outras aldeias, sobreviveram à inúmeras guerras e seguem existindo como uma contraprova dos limites da expansão do agronegócio em uma sociedade moldada pelo capitalismo estampado no extermínio de povos indígenas<sup>1</sup>. Os índios que vivem próximo às margens do Araguaia trazem após algumas décadas da Guerrilha do Araguaia uma narrativa capaz de alcançar um tempo histórico de encontro com antepassados que vivenciaram outras guerrilhas, ora com os camarás (brancos), ora com outros povos indígenas, a exemplo dos caiapós, lembrados como responsáveis pela dispersão de parte do povo Aikewara em muitas das memórias presentes até hoje na Terra Indígena Surui Sororó. Assim surgem nas narrativas a figura dos homens brancos como a maior ameaça permanente em suas vidas, já que são os maiores responsáveis pelas mortes dos Aikewaras.

As memórias do período da Guerrilha do Araguaia despertam um olhar sobre outros períodos de guerra, alguns que só são conhecidos porque os antepassados contaram e a memória oral atravessou décadas sem ter sido apagada pela presença das Forças Armadas ou por qualquer outra força do Estado.

Neste contexto, nosso objetivo é apresentar elementos que problematizem a condição legítima da produção de verdade a partir da memória dos afetados, quando o Estado promoveu ato de omissão sistemática e real quanto aos acontecimentos que afetaram negativamente a comunidade indígena Aikewara. Cabe questionar essa ausência de registro estatal como intencional, mas que pode ser compensada pelo direito de fala e de testemunho dos fatos do ponto de vista de quem sofreu o dolo, sob pena da justiça não ser praticada.

## 2 | SURUI-SORORÓ

A Terra Indígena Surui-Sororó está localizada entre os municípios de Brejo Grande, Marabá, São Geraldo e São Domingos do Araguaia com 26 mil hectares. A aldeia dista 110 Km de Marabá, 40 Km de São Domingos e 55km de São Geraldo do Araguaia e o acesso à terra se dá na altura do Km 90 na BR -153. Na entrada da aldeia tem um muro de alvenaria com uma guarita e uma placa, onde está escrito, Terra Indígena Surui-Sororó, além de um portão de ferro e uma vigilância permanente armada para controlar o acesso à terra indígena. Uns 2 Km após o portão começam as primeiras casas da aldeia.

Os Aikewaras vivem na região há muito tempo e sua história é marcada por conflitos de sobrevivência e na busca incessante pelo direito de saber e o dever de lembrar. Nossa

---

1. Esse texto não existiria sem o esforço incomensurável de décadas por Iara Ferraz, antropóloga que nos apresentou os Aikewara. Ela é autora, ao lado de Orlando Calheiros, do livro: *O tempo da guerra: os Aikewara e a Guerrilha do Araguaia* (no prelo). Aos dois e aos Aikewaras todo nosso agradecimento.

análise pretende gerar uma reflexão que sirva de instrumento para entendermos a relação entre o não reconhecimento das violações cometidas na região diante da ausência de arquivos da repressão somadas à memória oral dos afetados. No tocante aos Aikewara trazemos o trabalho de Luiza Lima para ilustrar a resistência e a luta por sobrevivência desse povo, vejamos:

Mairá, liderança tradicional do povo Aikewára, contou-me um pouco dos caminhos que o grupo percorreu até ter suas terras demarcadas e como ele se tornou cacique. Mairá disse que os Aikewára fugiam dos Kayapó, seus inimigos tradicionais, pela floresta. Quando nascia alguma criança, eles a matavam para o choro dela não denunciar aos perseguidores o paradeiro deles. Segundo Mairá, seu pai havia sido cacique, morreu quando ele ainda era pequeno, e a comunidade o escolheu para substituir o pai. O que Mairá também fez questão de deixar claro foi que eles têm os deuses deles, mas também acreditam em Deus (o de alguns não indígenas), o “Deus de vocês” como disse ele. O crescimento do povo Aikewára é uma forma de eles mostrarem a superação da extinção e do etnocídio (LIMA, 2015, p. 22).

Para isso traremos exemplos de entrevistas em trabalho de campo em setembro de 2017 com o povo Aikewara, nas quais identificamos que a história da Guerra é narrada com a capacidade de encurtar o decurso do tempo preenchendo esse espaço com memórias tristes e tragédias, mas também com músicas e lembranças de um tempo que apesar de áspero fez com que a aldeia sobrevivesse às proibições do período da guerra, quando o exército não permitia a saída da aldeia para caçar e colher batatas, inhame ou qualquer outro alimento.

### **3 | A GUERRA INFINITA**

O dia na casa da Arihera começava por volta de 06:00h e, despertávamos com os primeiros ruídos da casa. Arihera colocava a água no fogão à lenha feito de barro e depois passava o café em um coador de pano, adoçava e enchia a garrafa térmica. Enquanto tomávamos café, sentados pelo pátio, ou na cozinha em pequenos banquinhos de madeira, as crianças se arrumavam para escola, os mais velhos iam para mata ou para guarita da entrada trabalhar como vigias e o Umassu, marido da Arihera, ficava acompanhando cada movimento em seu entorno e de vez em quando puxava assunto conosco.



Figura 1 – Umassu e Arihera

Foto de Nadine Borges

Nadine já havia estado ali, quando, em 2013, estivera em uma das aldeias dos Aikewara como representante da Comissão da Verdade (BORGES, 2016) e participara de uma escavação em busca de restos mortais de desaparecidos políticos da guerrilha do Araguaia. Wilson também estivera lá, cerca de dez anos antes, quando coordenara a participação de uma equipe da UFF junto ao Projeto Rondon, ocasião em que levantara aspectos sobre os conflitos socioambientais locais (MADEIRA FILHO, 2006). Para Ana Maria Motta Ribeiro aquela era a primeira experiência na Terra Indígena.

Embora a opção de entrevista com o Umassu fosse a mais fácil porque estávamos na mesma casa, acabamos o entrevistando formalmente apenas no último dia e, mesmo assim, obtivemos alguns fragmentos daquela memória da guerra que ele demonstrava preservar com muito sentimento de desgosto. Todo dia ele observava nosso movimento lavando a louça do jantar do dia anterior e as canecas do café. A louça era lavada com esponja de aço em uma mesa que ficava no pátio cercada por patos e galinhas que ficavam por ali ciscando e comendo os restinhos que apareciam. Nesse dia último Umassu nos avisou que estaria nos fundos da casa, ali pelo pátio, o que queria dizer, aberto para falar.

As conversas, as risadas da Arihera, tudo aquilo estava prestes a terminar. Nesse dia que sentamos com Umassu, para conversar nos fundos da casa, pela primeira vez, ligamos o gravador. Ele cantou em Tupi uma canção sobre o Rio Araguaia e os Aikewaras. Era um hino de luta com todos os significados que lhe são inerentes. A conversa não durou muito, mas o suficiente para que pudéssemos ouvir as histórias de Umassu, de seus ancestrais e o ciclo de luta por sobrevivência daquele povo.

Sem que perguntássemos muito, ele começou a falar do tempo da guerra, enquanto as crianças e outros moradores passavam pelo pátio após o café da manhã. Umassu lembrou de quando o Frei Gil pediu que ele fosse até São Domingos do Araguaia, por volta de 1972. Frei Gil foi um dos primeiros religiosos que trabalhou na aldeia, estabelecendo uma relação muito próxima com o povo Aikewara.

Conforme relatado por Umassu, durante o percurso a São Domingos, ele viu aviões sobrevoando os arredores e ao chegar na cidade percebeu que os soldados à paisana entravam nos comércios e pediam comidas básicas para Valquiria e Osvaldão, dois guerrilheiros bem conhecidos e respeitados na região, reconhecidas lideranças da Guerrilha do Araguaia, ela porque ajudou em vários partos entre os índios e os camponeses, e ele porque ajudava nas tarefas diárias.

A memória presente no relato de Umassu sugeria que era tática dos soldados saírem disfarçados de camponeses como uma armadilha para identificar os comerciantes que abasteciam e ou ajudavam os guerrilheiros. Ele dizia que todos, sem exceção, tiveram suas vidas devastadas pela guerra por terem sido identificados, a revelia dos fatos, como aliados dos guerrilheiros. Chamava atenção sua observação acerca da estratégia do serviço de inteligência das Forças Armadas na ação com os comerciantes. E ao questioná-lo como ele percebeu essa simulação, Umassu nos contou que conhecia Osvaldão e que nunca tinha visto aquelas pessoas terem qualquer relação com ele.

Umassu voltou para a aldeia em um jumento e percebeu que estava sendo seguido por soldados na mata. Não tardou muito para ser capturado e apeado à força. Durante essa emboscada os soldados perguntavam sobre os “terroristas” e Umassu afirmava que não sabia quem eram. O tenente reconheceu que ele era Aikewara e pediu que falasse na língua tupi. Ele lembra que o alertaram para ficar longe dos terroristas porque eles roubariam a terra dos índios, daí a associação já mencionada do termo terrorista com a disputa pela terra na região.

A cena descrita por Umassu revela o contingente de homens das Forças Armadas à disposição na região, pois segundo seu relato eram mais de 200 soldados enfileirados na mata no momento que o abordaram para retirá-lo à força de cima do animal.

Nas canções entremeadas na fala de Umassu, haviam novas referências ao massacre que os caiapó haviam perpetrado contra o povo dele, em retalhos de memória passados por sua mãe, em tempos de fuga. O incêndio da véspera, não de todo acidental, resultado da ampliação da fronteira agrícola e da política de pressão dos fazendeiros do entorno, parecia sinalizar mais um período de instabilidade e tensão.

Dentre as conversas que tivemos com Umassu, nos chamou particularmente a atenção o alerta dele para evitarmos falar sobre a guerrilha em grupos e para priorizar as conversas individuais nesse assunto.

Nadine já tivera esse cuidado ao encontrar Arikassu em Marabá alguns dias antes. O encontro foi impactante, pois sabia que ele era um dos índios que serviu como escudo



humano para encontrar os guerrilheiros na mata durante o período da guerra, maneira que eles se referem a Guerrilha do Araguaia. Nadine seguira com o cacique Mairá. O trajeto entre Marabá e Sororó foi permeado por uma conversa de aproximação. O assunto foi dominado pela seca e não poderia ser diferente porque falar da devastação do incêndio em toda a terra indígena era falar da sobrevivência do povo Aikewara e dos ciclos de perdas que os afeta a cada verão com o avanço do agronegócio e da mineração na região. O assunto da seca era o mais importante, mas não o único. A preocupação de Mairá com a política governamental da FUNAI o incomodava porque sequer havia um administrador naquele momento e, segundo ele, tudo estava a cargo de um estagiário, sem qualquer poder de decisão. No caminho pararam para almoçar e abastecer o carro. Já na estrada, rumo à São Domingos do Araguaia, reencontraram a família do Arikassu.

O acesso à Terra Indígena Surui-Sororó se dá na altura do Km 90 na BR -153. Na entrada da aldeia tem um muro de alvenaria com uma guarita e uma placa, onde está escrito **Terra Indígena Surui-Sororó**, além de um portão de ferro e uma vigilância permanente armada para controlar o acesso. Uns 2 Km após o portão começam as primeiras casas da aldeia. Nas entradas das casas, agora todas de alvenaria, resultado de projeto institucional, os pisos eram de estilo porcelanato, com louças nos banheiros (nem sempre utilizados), e com janelas de ferro que já não fechavam mais. Com o passar dos dias foi possível perceber que todo o aparato de metais, alvenaria e porcelanato que compunham as casas, demandavam gastos e cuidados incompatíveis com a renda e os costumes locais de moradia do povo Aikewara. Estes, por sua vez, optavam por ficar a maior parte do tempo nos fundos, longe da alvenaria, local mais fresco da casa, e principalmente na cozinha, perto das galinhas que não deixavam passar um cisco no chão.

À noite, Nadine recebera um convite do cacique Mairá Surui para participar de uma reunião em frente à sua casa. Ao atravessar o campinho percebera que havia muita gente em círculo à espera da conversa. A convocatória da reunião era em um alto-falante e se dava da seguinte forma: o cacique registrava em áudio no Whatsapp e depois inseria o fio na caixa de som para reprodução, já que o microfone não funcionava.

Naquele momento o assunto mais premente e praticamente o único era o incêndio na mata. Tratava-se da sobrevivência de todos da Terra Indígena. Explicou brevemente como se deu o trabalho dos brigadistas naquele dia, reforçou o pedido para que outros voluntários ajudassem no sábado, depois dessa mescla de tragédia com esperança, ela foi apresentada. Estava tensa porque não sabia como seria a reação de todos ali, então deu boa noite e prontamente ouviu comentários de que parecia com a lara falando. Tratava-se do seu primeiro dia na aldeia e optou por mencionar brevemente assuntos que imaginava que seriam do interesse deles, como por exemplo, a necessidade de desvio da estrada que corta a Terra Indígena, a regulamentação/regulação da escola e, especialmente, sua vontade de conversar com os mais velhos sobre seu interesse em ouvir a narrativa deles acerca da presença do Governo durante os trabalhos da Comissão da Anistia e Comissão

Nacional da Verdade. Sentia que pisava em um terreno movediço, já que muitos pareciam não reconhecer essas instâncias governamentais, exceto no tocante à reparação recebida da Comissão de Anistia.

Depois dessas trocas o Tiapé Surui, que também era professor na escola da aldeia e havia feito parte da turma de formandos da Universidade do Sul do Pará, disse que os jovens conhecem pouco da história da Guerrilha. Quando retomou sua fala comentou o quão importante era o conhecimento do passado recente, já que essa é uma das formas de evitar e, ao mesmo tempo, se preparar para enfrentar e resistir no futuro. Falou ainda do governo Michel Temer e dos desdobramentos das violações e retrocessos aos direitos indígenas.

## 4 | O CAMINHO DA ANTA

Na manhã seguinte Nadine encontrou Murué, professora, que explicava a história da aldeia para as crianças. Segundo Murué, o contato dos Aikewara com os “kamará” (brancos) se deu nos anos 1960. Os Aikewaras vivem na região há muito tempo e sua história é marcada por conflitos de sobrevivência. Antes da aldeia estar nesse local chamado de Queimada, eles viviam pro lado do Rio no sentido Marabá em constante fuga dos caiapós e quando faleceu o pai do cacique Mairá, todos mudaram. A morte de Sawarapy, pai do Mairá, fez o povo mudar de lugar. Hoje, com as casas de alvenaria, já não mudam mais quando morre alguém, mas é comum diante da morte deixarem as casas por um período de um mês, e algumas vezes as pessoas saem e não voltam mais. Murué explicou para as crianças que todos se chamam Suruí, apesar de se sentirem Aikewaras e a reserva se chama Sororó, em razão do nome do rio. O nome Suruí foi criado pelo missionário Frei Gil ainda na década de 1970 e todos recebem esse sobrenome no registro civil de nascimento. Atualmente vivem quase 400 suruís na aldeia, diferentemente da época da Guerra, quando não passavam de 40. A preocupação com a sobrevivência resultou nessa política de continuidade do grupo através do casamento entre indígenas. As meninas, assim que menstruam, casam com meninos mais ou menos da mesma idade. O sistema de moradia na aldeia reproduz uma linhagem patrilinear, já que após os casamentos os filhos moram ou na casa do pai ou constroem suas casas ao redor e a vizinhança é sempre familiar com um portão entre os pátios.

Ficar ali sentada na mureta da escola, no vão central de uma construção em alvenaria no formato hexagonal, concentrava os olhares e a atenção em volta de Murué, que contou brevemente o que ela chamava de narrativa do caminho da anta ou da noite, que era mais ou menos assim: havia uma casa com um guardião e dentro da casa um vaso continha a noite e outro vaso continha o fogo. Um menino levado abriu o vaso com a noite e ficou tudo escuro. Diante da escuridão ele abriu outro vaso que tinha luz, era o fogo. Quando o guardião encontrou a criança ela virou muriçoca, ele pegou a noite e foi guardar nas ocas, já o fogo ele guardou no céu. Assim, foi criado o dia e a noite.

## 5 | VIVER É MUITO PERIGOSO

Wilson e Ana Motta ainda estavam em Marabá, em visita à Fazenda Cabaceiras, desapropriada para reforma agrária pela ocorrência de trabalho escravo, objeto de estudo de Emmaniel Oguri Freitas (2018), quando Nadine ligou. Estava aflita. O cacique Mairá a convocara novamente e pedira para ela explicar o que estava fazendo ali. O grupo era de aproximadamente umas cem pessoas, incluindo técnicos do IBAMA. Depois que falou do seu objetivo como pesquisadora, Mairá a interrompeu. Mairá falou na frente de todos os presentes que o Seu Raimundo, um ex-soldado da guerrilha, naquela altura um desconhecido para nós, havia estado na aldeia e alertara para que não confiassem nela, já que a pesquisa tinha como objeto investigar os crimes da ditadura. Nadine ficou receosa, mas reagiu dizendo que gostaria de conversar com esse Seu Raimundo pessoalmente, pois se tinha alguém ali com motivo para desconfiar, esse alguém não era ela.

Naquela noite mal conseguiu dormir e cada barulho gerava sensações de desassossego. Logo pela manhã correu a ligar. A chegada de Wilson e Ana coincidiu com novo incêndio.

Entrar na aldeia, para além da autorização do cacique, implicava contribuir com alimentação, ainda mais em um período de estiagem tão severo e esse pedido foi formalmente feito e os professores prontamente fizeram uma compra de fardos de arroz, feijão, carne, açúcar, café e óleo. A chegada à aldeia foi tranquila e a recepção de Umassu e Arihera refletia a aproximação que estava sendo construída. “Os Professores”, como eles se referiam, estavam visitando a aldeia. Alguns lembraram de Wilson – alto e careca – de anos antes, que recordou a todos que haviam disputado partida de futebol e que os Aikewara ganharam de sua equipe de 7 a 1, mesmo placar da derrota da seleção brasileira para a Alemanha. A anedota auxiliou a tranquilizar os ânimos.

Almoçamos juntos por ali, acompanhados das galinhas e de um pequeno jabuti que a filha de Irene, nora de Umassu e filha de Arikassu, estava cuidando. No meio da tarde fomos até a casa do cacique e acompanhamos a conversa com o fazendeiro, ou melhor, o filho do fazendeiro. Já no primeiro contato percebemos que se tratava de um incêndio criminoso e depois de uma longa conversa acabamos sugerindo uma espécie de acordo de cooperação, uma vez que o filho do fazendeiro reconheceu a responsabilidade pelo incêndio, somada à indisposição de negociar com o IBAMA. O resultado rápido nos aproximou ainda mais e elaboramos no dia posterior um documento que sintetizava as demandas a partir da nossa conversa.

Entrementes o fogo não fora totalmente debelado e as chamas voltaram a arder de madrugada. Wilson levantou da rede onde dormia ao escutar o alarde. Viu quando um menino de 14 anos colocava a bota da brigada de incêndio e tentou entender porque uma riança iria participar da contenção do fogo. Soube que não era considerado criança, pois era marido da neta de Umassu, a quem víamos brincando de boneca na tarde anterior.

## 6 | VOZES NA NOITE DOS TEMPOS

Mais ou menos na hora do Jornal Nacional da Rede Globo de televisão é ligado o gerador. A luz liga permite que se ligue os aparelhos de televisão já presentes em muitas as casas. O hábito de ver o Jornal televisivo é dos homens e se complementa com a saída destes, dando lugar às mulheres que assistem a novela das 21h.

Wilson assistiu com Umassu o Jornal, que falava de corrupção e lava-jato. Perguntou a Umassu o que ele achava daquelas denúncias. Sabia, por conversas anteriores, que Umassu demorava a responder, preparando mentalmente e vagarosamente as respostas. De fato, apenas cerca de cinco minutos depois Umassu falou. Contou que fora há muitos anos levado pelo Frei para Belo Horizonte, que fora a primeira vez que vira uma cidade grande, que dormira em cama, que vira coisas diferentes, como vitrola, fogão, privada e armário de guardar roupa. Contou ainda do medo que tinha da fuga dos caiapó, do perigo do fogo e quando vira o cunhado pendurado vivo para sangrar e morrer pelos soldados no Araguaia, e ele cortara a corda salvando o cunhado. Era uma mistura de foco narrativos, fragmento de conversas tidas naqueles dias, mas que respondiam mais e vividamente que um roteiro convencionado.

Quando saíram da sala, as mulheres acorreram a ver um capítulo de *A força do querer*, onde uma personagem “piriguete” dançava em lingerie sensual para seduzir o personagem líder do tráfico de drogas.

Entrementes, Nadine fora para a outra aldeia com Mairá e conhecera outras mulheres de destaque. Umassu e seu genro Api haviam conversado mais cedo, contando que ambos foram usados como escudos humanos durante a Guerra e falaram de um lugar na mata, na aldeia onde vivia Tiremé, aonde tinham encontrado uma rede em tom verde oliva e suspeitavam ser um cemitério da época da matança. O objetivo deles era que conhecessemos o lugar, mas isso dependeria de uma ida nossa a outra aldeia dentro da terra Sororó e também da autorização do cacique local.

A aldeia não tinha luz, nem água encanada e as poucas casas eram de palha e algumas de madeira. Ao chegar, Nadine reconheceu o lugar, próximo ao local da escavação feita em 2013 pelo Grupo de Trabalho Araguaia. A esposa do cacique, Tiremé, os recebeu e ficaram aguardando por ele. Porém, Umassu e Api queriam mostrar a área antes de escurecer. Foram então pelo meio da mata fechada e com alguns algodoeiros que destoavam na paisagem da trilha. Mas durante a caminhada, o assunto da guerrilha veio à tona e eles comentaram que o exército esteve duas vezes na área antes da escavação. Dentre vários assuntos mencionaram o episódio de participação do Arikassu, que viu os soldados degolarem um guerrilheiro. Encontramos um cós bem antigo, alguns recipientes de vidro de remédio e uma garrafa datada em relevo no próprio vidro de 1973. Tudo parecia ter subido à terra com a raiz da árvore, mas além desses itens não encontramos mais nada. O material achado foi embrulhado em uma folha de bananeira para ser entregue ao Ministério Público Federal de Marabá.

No domingo saímos cedo, com Mairá, Sueli, Umassu e Arikassu para uma das aldeias mais distantes, para o lado de São Geraldo do Araguaia, a da cacique Teriweri Suruí, a primeira mulher cacique entre os Aikewaras. Ela vive com todos os seus filhos, com exceção de uma filha mulher que morava em outra aldeia pequena, no sentido de São Domingos. O percurso entre as aldeias era sempre difícil por estradas de chão, com pontes de madeira em condições precárias sobre igarapés secos devido ao período de estiagem. A cena que encontramos ao cruzar a última cancela que separava a terra deles das fazendas terra dos kamarás, era desoladora. O incêndio que ainda mantinha o chão com calor das brasas deixou marcas em toda a aldeia, eram troncos gigantes de amendoeira, babaçu e outras árvores queimadas caídas no solo. Tudo cinza. Todo o entorno da aldeia estava queimado e por muito pouco as casas não foram atingidas.



Figura 2 – Queimada  
Foto de Nadine Borges

Teriwere estava prestes a iniciar o preparo do almoço. O fogão era de barro e ficava no lado externo da casa que Teriwere dormia com seus netos em redes. A separação das moradias na aldeia eram casais em suas casas e a cacique com suas netas e netos em outra casa, onde todos ficavam, com uma área coletiva externa com bancos de madeira e teto de palha.

O relato de Teriwere sobre a guerra parecia encurtar o curso do tempo. Lembrava com detalhes sua chegada na região, em 1972, quando voltou de São Paulo com seus dois filhos. A cacique tinha sido levada junto com outros três aikewaras para morar e estudar fora da aldeia pelo Frei Gil.

Durante o tempo fora da aldeia, Teriwere morou em Poços de Caldas e também em São Paulo, onde nasceram Ana Paula Surui e Alex Surui. Ela conta que se assustou quando viu tantos soldados na travessia do Rio Araguaia. Dizia, “parecia uma guerra”. Segundo Teriwere, a explicação do Frei Gil era que os soldados estavam atrás dos terroristas.

Sentamos todos na área externa e conversamos mesmo depois de anoitecer, apenas entrevendo-nos à luz de algumas velas.



Figura 3- Conversa na área coletiva

Foto de Nadine Borges

Teriwere chegou a conviver e encontrar com os guerrilheiros na mata e lembrava da ajuda que recebiam com insumos como cartuchos e comidas entregues ao Frei Gil. Ela voltou para viver na aldeia e pela sua lembrança havia cerca de trinta a quarenta indígenas. Não tardou para que a presença do Exército se fizesse sentir com toda carga de violência. A pista de avião feita no meio da mata, contava Terewere, foi a rota da desgraça Aikewara. Sua memória revelava detalhes de um período de fome e miséria, o maior de todos vividos pelo cacique e sua família.

Durante o período da Guerra o exército proibia a saída da aldeia para caçar e colher batatas, inhame ou qualquer outro alimento. No meio da tragédia Teriwere lembrou de uma vez que estava com seu marido à época, o Tibaku, hoje cacique de outra aldeia na terra indígena, e que encontraram guerrilheiros na mata enquanto faziam farinha. Segundo Teriwere, quando se aproximaram pensou tratar-se de caçadores, mas percebeu que estavam com muita fome e acabaram comendo a farinha sem sequer estar pronta. Eles agradeceram e partiram, nos contou.



Os soldados, ao contrário, não pediram licença e chegaram na aldeia em centenas de homens levando os índios à força para a mata com vistas a identificar os esconderijos dos guerrilheiros. Teriwere ao relatar esse episódio parecia novamente vivenciar tudo aquilo, tamanha era a carga emocional que investia em sua narrativa.

Na época da Guerra os índios ficaram três anos presos na própria aldeia e apenas os homens saíam forçados a entrar na mata, enquanto as crianças e as mulheres ficavam expostas à fome e à violência. Os dias, os meses e os anos foram abaixo de tiros e metralhadoras. Mas de todos os sofrimentos, sua lembrança mais dolorida foi a perda dos gêmeos no meio da mata em 1974, no ápice da guerra.

Em outra noite quando saiu com Tibaku para obter alguma caça próxima a aldeia, sentiu dores fortes na barriga. As dores se intensificaram depois de ter perdido muito líquido e não sabia que estava grávida de gêmeos. No momento do parto os pés do bebê saíram primeiro e ele morreu logo depois. As dores não cessavam e achava que era algo relacionado a placenta, mas depois de se espremer tanto de dor nasceu o segundo. O marido subiu em uma árvore e começou a gritar desesperado pedindo ajuda. Não tardou e vieram com um carrinho de mão para resgatá-la. Ela levou os dois bebês, um vivo, outro morto e teve medo de morrer de tanta dor. Passaram três dias até a morte do segundo bebê.

Disse que a única certeza que tem na vida é que depois de tanto tiro e rajada de metralhadora, não teve um minuto de sossego na gestação. E foi por aquela vida de fome, violência e miséria, sob o terror imposto pelos soldados do exército, que perdeu seus filhos. Ela não foi a primeira, nem a única mulher na aldeia que perdeu filhos durante e após a guerra do Araguaia. Teriwere hoje tem seis filhos, mas afirma que se não fosse o exército brasileiro teria tido nove, mas os soldados não deram trégua e ela perdeu outra filha de malária durante a guerra.

Teriwere tem orgulho por ter criado seus filhos em sua terra e ser a primeira cacique mulher Suruí. Ela sabe que a ditadura matou e desapareceu com centenas de pessoas e em seu relato demonstrava um desapontamento com o Estado brasileiro, pois as indenizações da Comissão da Anistia, por mais importante que tenham sido, não foram capazes de reparar a incompletude da sua família e da história do seu povo. Alguma esperança em sua fala era o fato de valorizar a importância da memória oral. E fez questão de conversar na frente de todos seus filhos e frisava que eles precisavam conhecer a história vivida.

No escuro da noite, Arikassu fala algumas palavras em Tupi e mistura muito com português, mas sua esposa Maria e seu filho Siá estavam por ali para ajudar em eventuais traduções. Ele começou lembrando da chegada dos soldados na terra Sororó e disse que estava na mata caçando e foi surpreendido ao retornar para aldeia. Naquele momento não entendeu a presença do exército, mas foi recrutado à força para andar na mata em busca dos terroristas. Cabe frisar que ele era um dos poucos homens na aldeia e serviu de escudo humano junto com Marahy, Warini, Umassu e Api. Lembra que nunca antes havia tido



contato com soldados porque não saía da terra e ficou surpreso quando chegou um avião e o obrigaram a entrar juntamente com Marahy. Eles foram levados para sobrevoar a Serra das Andorinhas e sentia muito medo porque não conseguia entender qual era o objetivo de tudo aquilo. Mesmo perguntando aos soldados do que se tratava a única resposta é que andariam na mata.

Marahy, mais velho que Arikassu, está hoje bem debilitado e nosso único contato com ele foi no dia que já estava saindo da aldeia. Ele é a testemunha mais velha dentre os índios recrutados à força pelo Exército. Na narrativa de Arikassu há muita menção ao Marahy, já que ele ia sempre na frente e Arikassu o seguia pela mata, juntamente com os soldados.

Durante esses dias de sequestro sofreram com o tratamento recebido porque estavam em situação análoga a de escravo com requintes de crueldade e tortura. Foram dias sem fim com chuva, frio, dormindo na mata sem sequer um pedaço de palha para se recostar, sem comida e raramente recebiam água e um pouco de farinha. Arikassu fala muito do medo que sentia e menciona que os soldados o chamavam de macaco.

Quando deixaram a aldeia recorda que as mulheres foram orientadas a não sair de suas casas e que os soldados proibiram a caça, nem mesmo até a roça buscar macaxeira ou cará. Importante mencionar que os Aikewaras cultivam alguns alimentos para consumo próprio em pequenas roças no entorno da aldeia até os dias atuais. Arikassu insistia em seu desconhecimento sobre a presença dos soldados e reproduzia o som do helicóptero sobrevoando a aldeia, bem como o barulho das rajadas de metralhadora durante nossa conversa.

Outra lembrança que veio à tona enquanto conversávamos foi o incêndio criminoso provocado pelos soldados na roça deles, com o argumento de que era para os terroristas não comerem. Em outro momento mencionou que pediu aos soldados para dar de comer aos seus filhos, mas nem um pedaço de cará era oferecido e a fome os fazia chorar durante todo o período dos soldados na aldeia.

Nossa conversa recheada de memórias e de sofrimento foi permeada por um episódio específico que Arikassu viveu na mata, quando encontrou um casal enquanto amassava farinha. Pensou ser uma anta quando ouviu o barulho se aproximando, mas eram guerrilheiros que estavam com um jabuti. Ele já os conhecia e até mencionou o nome de ambos em nossa conversa: Walquíria e Raul.

Ainda sobre a ida forçada para a mata falou que Warini o acompanhava juntamente com Marahy, que era mais velho. Sua emoção foi grande e começou a chorar quando falou que viu uma cabeça espetada com um cipó atravessado no pescoço e que os soldados diziam que eram os índios que haviam cortado a cabeça para amedrontá-los ainda mais.

## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os enfrentamentos, a luta por sobrevivência cotidiana do povo Aikewara explicita também em que medida desenvolveram formas de resistência à violência policial do Estado brasileiro que sobre eles não se esgotou com o término da ditadura civil militar. Reconstruir essas narrativas, falar sobre essas dores e traumas exige mais tempo, mais empatia, mas sobretudo, mais compromisso com a verdade histórica ali vivida. O povo Aikewara foi inegavelmente vítima de tortura, de maus tratos e de uma gama imensa de arbitrariedades que imputaram de modo canhestro a eles a condição de “subversivos” para o Estado e, simultaneamente, de modo contraditório, também sofreram o estigma de “apoiadores do regime” tendo em vista o envolvimento compulsório imposto pelo Exército, ficando, assim, desprestigiados por pessoas que nunca os escutaram, mas que reproduzem narrativas de um Estado policial e autoritário em regime de exceção ao longo de uma “Guerra” implantada com o pretexto de garantir a segurança nacional.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Nadine. Direito à memória e à verdade. Em: WESTHROP, Amy Jo (org.). *As recomendações da Comissão Nacional da Verdade: balanços sobre a sua implementação dois anos depois*. Rio de Janeiro, 2016.

FREITAS, Emmanuel Oguri. *A libertação da terra: a desapropriação da fazenda Cabaceiras por trabalho escravo no Sudeste do Pará*. Tese de doutorado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, 2018

LIMA, Luiza. De “fraquinhos” a Aikewára: construção de identidade e resistência de um povo tupi na Amazônia. *Tellus*, ano 15, n. 29, p. 19-47, jul./dez. 2015 Campo Grande, MS

MADEIRA FILHO, Wilson. Novas vozes no Araguaia. In: *XV Congresso Nacional do CONPEDI - Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito*. Manaus: Fundação Boiteux, 2006. v. 1.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

### C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

### D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

### E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

### F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

### H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

### I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

### M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

## **N**

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

## **O**

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

## **P**

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

## **R**

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

## **S**

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

## **T**

Teoria Marxiana 13

# *Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 


[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 


Atena  
Editora


Ano 2020

# *Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 